

Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo em um segundo cenário experimental¹

Toward a new definition of stereotypes: empirical test of the model in a second experimental setting

Marcos Emanuel Pereira²
João Gabriel Modesto³
Marta Silva Dantas de Matos⁴
Viviane Souza Nascimento⁵

RESUMO: O segundo artigo da série tem por objetivo submeter à prova empírica algumas derivações do modelo teórico dos estereótipos desenvolvido nos artigos anteriores. Se o cenário experimental do tipo I contemplava exclusivamente os cinco tipos de entes (agregados, categorias sociais naturalistas e entitativas e grupos sociais, orientados para a tarefa e de intimidade), o cenário do tipo II, objeto do presente artigo, inclui uma nova classe de variável, quatro modalidades de eventos mentais: ações, comportamentos observáveis, pensamentos intencionais e experiências. Foram apresentados dois experimentos que fornecem indicadores acerca da necessidade de incluir entes e eventos na construção de ambientes virtuais para a condução de experimentos destinados a avaliar os estereótipos.

Palavras-chave: estereótipos; definição; ambiente virtual; teorias implícitas; entitatividade.

ABSTRACT: The second article in the series aims to prove some empirical derivation of the theoretical model of stereotypes developed in previous articles. If the experimental setting of type I beheld only the five types of entities (aggregates, naturalists and entitatives social categories and social groups, task-oriented and intimacy), the setting of type II, aim of present paper, includes a new kind of variable, four classes of mental events: actions, observable behaviors, intentional thoughts and experiences. Two experiments are presented that provide indicators of the need to include entities and events to build virtual environments for conducting experiments to assess the stereotypes.

Keywords: stereotypes; definition; virtual environment; implicit theories; entitativity.

O presente artigo, o segundo de uma série dedicada a apresentar uma nova definição para os estereótipos, relata dois experimentos destinados a colocar a prova o que denominamos modelo dos acoplamentos alternados. O teste empírico desse modelo, cujos primeiros resultados foram apresentados na edição anterior de *Psicologia e Saber Social* nos compeliu a ajustar a definição anterior, e passamos a considerar, como tínhamos postulado anteriormente, que os estereótipos cumprem a dupla função de organizar a realidade social e fornecer elementos de justificação e de legitimação dos arranjos sociais, além de nos obrigar a modificar levemente a definição inicialmente adotada no sentido de postular que

¹ O presente trabalho recebeu apoio financeiro do Edital de Ciências Humanas do CNPq.

² Doutor em Psicologia; Professor Associado IV da Universidade Federal da Bahia – Bahia, Brasil. E-mail: memanoel@gmail.com.

³ Psicólogo; Mestrando em Psicologia Social na Universidade de Brasília – Distrito Federal, Brasil.

⁴ Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal da Bahia – Bahia, Brasil.

⁵ Aluna de graduação em Psicologia na Universidade Federal da Bahia – Bahia, Brasil.

os estereótipos podem ser considerados sistemas de crenças socialmente compartilhados que se referem a padrões comuns de conduta ou à homogeneidade entre membros de um ente social, sendo elaboradas a partir de teorias que se sustentam em arraoados de natureza intencional ou em teorias explicativas causais (Pereira, Modesto & Matos, 2012).

O modelo teórico, enquanto tal, postula duas dimensões fundamentais, sem as quais não podemos falar de estereótipos. Uma dessas dimensões, a entitatividade, envolve os mecanismos responsáveis por deixar de tratar o indivíduo como uma pessoa singular e passar a tratá-lo como um membro de uma totalidade, um ente social, que tanto pode ser um agregado, uma categoria social ou um grupo. Ainda que a literatura especializada enfatize o papel exercido pela percepção de homogeneidade, e inegavelmente a percepção de homogeneidade cumpre um papel importante na entitatividade, os resultados que obtivemos indicam uma importância ainda mais acentuada da direção comum neste processo. Este conceito, originário na psicologia da *gestalt*, sugere que os entes individuais, ainda que não ostentem qualquer similaridade no plano da aparência física, podem ser incluídos como parte de uma entidade maior, desde que sejam percebidos como entes que possuem uma trajetória única e comum.

A segunda dimensão do modelo envolve as teorias implícitas elaboradas pelo percebedor com a finalidade de explicar as ações encetadas pelo ente social. Os resultados obtidos em nossos estudos apontam para uma influência bem mais acentuada por parte das teorias fundamentadas na intencionalidade do que das teorias de base causal, ainda que o papel exercido por estas últimas não deva ser desconsiderado.

Os resultados previamente relatados se referem a provas conduzidas numa forma particular de implementação do ambiente virtual criado para o teste empírico, ao qual denominamos cenário do tipo I. O que caracteriza este tipo de cenário, o mais simples, é que nele estão incluídos unicamente os entes sociais aos quais supomos serem aplicados os estereótipos, sendo necessário, para conduzir um teste mais extensivo e preciso do modelo, ampliar o alcance dos cenários virtuais de forma a incluir outras dimensões. Este é, precisamente, o objetivo central do presente artigo, no qual indicamos os procedimentos adotados para a condução de dois experimentos destinados a testar a hipótese de que os julgamentos feitos pelos participantes dos experimentos a respeito dos estereótipos aplicados aos entes sociais sofrerão mudanças em função não apenas do tipo de ente a ser avaliado, como também da modalidade de evento mental considerada no julgamento (consultar a figura 2 de Pereira, Modesto & Matos (2012) para identificar as diferenças entre os dois tipos de cenários).

Os experimentos no cenário II

Uma vez que este artigo se dedica a apresentar os resultados das pesquisas conduzidas no ambiente virtual elaborado para o estudo dos estereótipos, indicamos, na figura 1, alguns elementos determinantes para a condução de experimentos neste ambiente.

Estudo	Ambiente	Entes	Entitatividade	Teoria implícita	Evento mental
Modelo	Off-line Web Plataformas móveis	Agregados Categorias sociais Grupos	Homogeneidade percebida Direção comum	Causais Intencionais	Observáveis Intencionais
I	Web (texto)	Mulheres Feministas	Homogeneidade percebida	Essências Traços História causal das razões Fatores habilitadores Motivos e razões	Ações Comportamentos, Pensamentos intencionais Experiências
II	Web (vídeo)	Homossexuais	Homogeneidade percebida	Essências Traços História causal das razões Fatores habilitadores Motivos e razões	Ações Comportamentos, Pensamentos intencionais Experiências

Controle: Status sócio-econômico (idade, sexo); Constructos psicológicos (dominância social, teorias entitativas e incrementalista, agenciamento individual e grupal, auto-estima, senso de eficácia pessoal, motivação para controlar o preconceito).

Figura 1 - Dimensões analíticas utilizadas para a construção de ambientes virtuais para o estudo dos estereótipos e variáveis implementadas nos estudos I e II.

Em relação ao ambiente computacional, os experimentos podem ser conduzidos de forma presencial, com o uso de aplicativos *offline*, podem ser realizados mediante o acesso ao ambiente *web* ou podem ser implementados usando plataformas móveis. Os dois estudos relatados a seguir foram conduzidos em um ambiente *web*, mediante a atualização de um aplicativo computacional elaborado com a plataforma EFS Survey. No primeiro, os estímulos experimentais foram apresentados sob a forma de texto e no segundo sob a forma de vídeo.

No que concerne aos entes objetos de julgamento, os resultados expressos nos dois experimentos relatados no artigo anterior impõem a necessidade de diferenciar cinco tipos de entes sociais: agregados, categorias sociais naturalizáveis ou entitativas e grupos (orientados para a tarefa ou de intimidade). O primeiro experimento relatado no presente artigo considerou o julgamento das condutas expressas por dois tipos de entes, os membros de uma categoria social naturalizável, as mulheres, e os de uma categoria social entitativa, as feministas, enquanto o segundo estudo avaliou única e exclusivamente os homossexuais, uma categoria social entitativa.

A terceira dimensão considerada na elaboração do ambiente virtual se refere à entitatividade, ou seja, se a des-individualização, e a posterior inclusão dos indivíduos em entes, que ocorre pela via da homogeneidade percebida ou pela via da direção comum. Em ambos os estudos relatados no presente artigo a dimensão da entitatividade adotada foi a homogeneidade percebida.

A quarta dimensão considerada na construção do ambiente foi a teoria explícita adotada para a explicação das condutas. Consideramos, neste particular, que as teorias explícitas causais e de base intencional não são mutuamente exclusivas e solicitamos que o participante avaliasse a contribuição de cada uma delas na explicação das condutas alvo de julgamento. As explicações causais incluem as essências e os traços psicológicos, enquanto as intencionais incluem a história causal das razões, os fatores habilitadores e os motivos e razões.

Por fim, a quinta e última dimensão do ambiente se refere aos eventos mentais, que

podem ser diferenciados, conforme se observa na figura 2, em quatro classes: os comportamentos, as ações, os pensamentos intencionais e as experiências (Malle, 2006).

Intencionalidade Observação	Ausente	Presente
Ausente	Experiências	Pensamentos intencionais
Presente	Comportamentos	Ações

Figura 2 - Tipos de eventos mentais.

Estes eventos são diferenciados mediante a presença ou ausência de dois critérios, a intencionalidade do ato e se o evento pode ou não ser diretamente observado. Os comportamentos incluem todas as modalidades de conduta que podem ser observadas, mas não são dotadas de intencionalidade. As ações também podem ser observadas, mas dependem claramente de um ato intencional por parte do agente. Em contraposição a estas duas primeiras formulações, podemos nos referir a dois tipos de eventos mentais que não podem ser observados, ainda que difiram em relação à dimensão da intencionalidade, uma vez que os pensamentos intencionais dependem de um ato deliberado por parte do agente, algo que não ocorre nas experiências, entendidas estas como eventos mentais que independem de qualquer intencionalidade ou se situam fora do controle do agente.

Além das variáveis incluídas no ambiente, consideramos a possibilidade de controlar as variáveis sociodemográficas sexo e idade, bem como algumas variáveis do participante: dominância social, teorias entitativas e incrementalista, agenciamento individual e grupal, auto-estima, senso de eficácia pessoal e motivação para controlar o preconceito.

Experimento 1

As duas últimas linhas da figura 1 sintetizam os elementos do ambiente virtual criados para a implementação dos experimentos 1 e 2. No caso do estudo 1, trata-se de um experimento conduzido em ambiente *web*, no qual se avaliam dois tipos de entes, mulheres e feministas, a dimensão entitativa homogeneidade percebida é mantida constante em todas as condições e os cinco tipos de teorias explícitas são avaliadas, levando-se em consideração os quatro tipos de eventos mentais.

Em que pese o modelo que adotamos considerar as dimensões entitatividade e teorias implícitas como componentes fundamentais para a expressão dos estereótipos, consideramos, por razões de parcimônia, preservar neste primeiro experimento a avaliação de apenas uma destas dimensões, as teorias implícitas. Neste caso, adotamos o entendimento de que as explicações serão influenciadas tanto pelo tipo de ente quanto pelo evento mental no qual estes entes estão envolvidos, o que nos levou a postular três hipóteses de pesquisa:

H1: considerando os resultados identificados nos estudos relatados no primeiro artigo, supomos que as teorias de base intencional serão adotadas com maior intensidade do que as teorias causais;

H2: levando em conta que o julgamento social sofre a influência do objeto do

juízo, admitimos que o juízo de tipos distintos de entes acarretará diferenças significativas na adoção das teorias explicativas; e;

H3: partindo da suposição de que eventos mentais distintos proporcionarão diferentes tipos de configurações mentais, sugerimos que distintos eventos mentais acarretarão mudanças na adesão às teorias explicativas.

Método

A presente pesquisa foi desenvolvida no sistema *EFS Survey*, um ambiente online de coleta de dados.

Participantes

Os dados foram coletados entre os meses de novembro de 2011 e janeiro de 2012. Responderam ao instrumento 127 participantes, dos quais 116 informaram o sexo, sendo 69 do sexo feminino (59,5%) e 47 do sexo masculino (40,5%). As idades variaram entre os 18 e 64 anos, sendo a média geral 28,9. No que tange ao grau de escolaridade, 51 informaram possuir o curso superior incompleto (40,2%), 30 o superior completo (23,6%) e 31 informaram o nível de pós-graduação (24,4%). Os participantes se originaram de todas as regiões do país, com predomínio da região nordeste (48,3%), seguido pela região sudeste (20,3%), as regiões centro-oeste e sul tiveram o mesmo número de participantes (11,9%) e por fim a região norte (4,2%). Quatro participantes informaram residir fora do país (3 em Portugal e 1 na Espanha), mas tiveram os seus dados preservados para fins de análise. Como o desenho experimental foi de amostras independentes, cada sujeito respondeu a uma das oito condições experimentais. Os itens avaliados foram referentes à categoria naturalista “mulheres” e a categoria entitativa “feministas”, sendo cada categoria associada aos quatro diferentes tipos de eventos mentais. Portanto, cada sujeito respondia aos itens referentes a apenas uma categoria associada a um evento mental, o que permite definir o estudo como um desenho experimental 2 (ente social) x 4 (tipo de evento mental). Uma vez que o *EFS Survey* funciona de modo a selecionar de maneira aleatória qual condição respondida pelo participante, não foi possível alcançar uma equivalência na distribuição dos participantes alocados às diversas condições experimentais, o que acarretou um número diferente de participantes em cada condição, conforme se observa na tabela 1.

Tabela 1 – Frequência de participantes por condição experimental.

Condição experimental	Mulheres	Feministas
Ação	17	17
Comportamento	18	15
Pensamento intencional	15	24
Experiência	13	08
Subtotal	63	64
Total	127	

Procedimentos

Ao acessar a *url* onde estava hospedado o experimento *web* o participante era

direcionado a uma página de apresentação e, caso optasse por efetivamente participar da pesquisa, obrigava-se a concordar com as condições impostas no termo de consentimento. Após esta etapa era apresentada uma notícia, em formato textual, na qual se relatava os protestos ocorridos durante uma manifestação pública. O texto da notícia está reproduzido a seguir:

O ato de luta e comemoração do Dia Internacional da Mulher 2011, ocorrido no último sábado (12), reuniu mais de quinhentas militantes.

Com o mote “Ousar Mais, Avançar Sempre!”, as mulheres saíram pelas ruas de Curitiba para lutar pela igualdade de oportunidades, fim de todas as formas de violência contra a mulher e por um modelo de desenvolvimento nacional com inclusão social, valorização do trabalho, sustentabilidade e autonomia econômica, social e política.

A concentração começou às 09 horas, na Praça Santos Andrade (Universidade Federal do Paraná) e terminou próximo ao meio-dia na Boca Maldita (Praça Osório). Durante o trajeto, as mulheres realizaram uma série de protestos. Na UFPR exigiram uma educação pública de qualidade. No Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) defenderam a previdência pública universal. Em frente aos bancos Itaú e Santander elas denunciaram a discriminação salarial. Estudo do Dieese/Contraf, realizado entre janeiro e setembro de 2010, revela que o salário de ingresso das mulheres bancárias é 27,75% menos que o dos homens. Já no salário de saída a diferença é ainda maior: as bancárias quando deixam de trabalhar têm salário inferior em 28,75%.

Quando a marcha passou em frente às lojas Diva e C&A, houve protesto contra a mercantilização do corpo da mulher. Já o McDonalds foi alvo de manifestação das feministas da CUT contra o imperialismo e pela soberania alimentar.

Abaixo do texto, apresentou-se uma foto da manifestação e em seguida os créditos do veículo de comunicação no qual a notícia foi originalmente publicada. Após a leitura, o participante era alocado a uma das oito condições do estudo. A diferenciação da condição se dava pela apresentação de uma página *web* como expresso na figura 3, onde se reproduz a situação na qual o participante está alocado às condições ente categoria entitativa feminista e evento mental comportamento observável.



Figura 3 – Ativação da condição experimental.

Após a ativação do *priming* da condição, os participantes responderam aos itens referentes às teorias implícitas, a variável dependente do estudo. Por ordem de apresentação na página encontram-se respostas para o raciocínio essencialista, para os traços psicológicos, para a história causal das razões, para os fatores habilitadores e para os motivos e razões (ver

figura 4). A ordem de apresentação dos itens, durante o experimento, foi aleatorizada.

Logo abaixo você encontrará uma série de fatores que podem explicar essa conduta. Indique, numa escala de 1 a 5 pontos, o seu grau de concordância em relação a cada uma das fontes de explicação.

	Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Nem discordo nem concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente
Agiram impelidas pela própria natureza feminina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agiram porque são muito impulsivas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agiram com a finalidade de expressar atitudes contra a ideologia machista	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agiram porque fazem parte de um movimento social organizado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Agiram porque estão motivadas a combater as práticas machistas que imperam naquela empresa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Figura 4 – Tela referente à avaliação das teorias implícitas.

Instrumentos

Com a finalidade de identificar e avaliar as variáveis do participantes, foram adicionados itens referentes à dominância social ($\alpha = .702$) (Pratto, Sidanius, Stalworth, & Malle, 1994), às teorias incrementalistas e entitativas ($\alpha = .589$) (Dweck, Chiu, & Hong, 1995), à autoestima ($\alpha = .732$) (Sbicigo, Bandeira e Dell'Aglio, 2010), ao senso de eficácia pessoal ($\alpha = .626$) (Brewer, Hong & Li, 2004), ao agenciamento grupo-indivíduo ($\alpha = .463$) (Brewer, Hong & Li, 2004) e à motivação para controlar respostas preconceituosas ($\alpha = .679$) (Dunton & Fazio, 1997).

Resultados

Para avaliar o grau de adesão a cada uma das teorias implícitas e submeter a prova empírica h1, conduzimos um teste t para para uma única amostra utilizando o ponto médio da escala (3) como critério. Esta análise permitiu diferenciar de forma clara os resultados relativos às teorias causais essências (média = 1,75; dp = 1,03; $t_{(116)} = 13,06$, p. <.001) e traços psicológicos (média = 1,79; dp = 1,09; $t_{(116)} = 12,05$, p. <.001), ambos abaixo do valor de teste, das teorias implícitas de base intencional história causal das razões (média = 4,14; dp = 1,02; $t_{(116)} = 12,09$, p. <.001), fatores habilitadores (média = 3,91; dp = 1,01; $t_{(116)} = 9,92$, p. <.001) e motivos e razões (média = 4,01; dp = 1,04; $t_{(116)} = 10,61$, p. <.001), todos com média acima do valor de teste.

A diferenciação entre explicações fundamentadas em traços e na situação possui uma longa história na psicologia, tendo sido retomada na psicologia social a partir da diferenciação entre as explicações implícitas baseadas em traços ou disposições estáveis e na situação (Jones & Davis, 1965), justificando-se a partir da interpretação de que a relativa coerência no padrão de conduta dos indivíduos ao longo do tempo facilita a formulação de explicações e de atribuições mediante referências aos traços individuais (Ross, Amabile & Steinmetz, 1977). As evidências aqui relatadas sugerem que embora a ampla maioria de estudos acerca dos estereótipos se dedique a identificar como são predicados traços psicológicos aos entes sociais, a importância da utilização de traços como fundamento para a

elaboração das teorias implícitas não parece ser tão decisiva quanto o uso de outras fontes de explicação, em particular aquelas definidas como intencionais.

Para o teste da hipótese 2 conduzimos uma série de ANOVAs com a finalidade de avaliar as diferenças, por condição, no grau de acolhimento dos diferentes tipos de teorias implícitas. Não foi possível identificar diferenças relativas aos entes para nenhuma das modalidades de teorias implícitas: essências ($F_{(1, 116)} = ,925, p. = .338$), traços psicológicos ($F_{(1, 116)} = ,011, p. = .918$), história causal das razões ($F_{(1, 116)} = ,001, p. = .970$), fatores habilitadores ($F_{(1, 116)} = ,069, p. = .794$) e motivos e razões ($F_{(1, 116)} = ,008, p. = .929$). Estes resultados evidenciam que as médias foram praticamente as mesmas quando da avaliação das categoria sociais mulheres e feministas. Um procedimento semelhante foi adotado para testar a hipótese 3 e avaliar o efeito isolado de cada um dos eventos mentais e, uma vez mais, os resultados (valores de p entre ,434 e ,776) não permitiram identificar diferenças nas respostas às teorias implícitas em função dos eventos mentais.

Interpretamos estes resultados a partir do entendimento de que avaliados de forma isolada, eventos e entes pouco contribuem para a explicação dos estereótipos, sendo requerido a adoção de um plano de análise mais dinâmico no qual as possíveis relações entre estas duas variáveis possam ser identificadas e escrutinadas. Desse modo, procuramos avaliar se a interação entre estas duas variáveis suscita alguma diferença significativa na avaliação de cada uma das teorias implícitas. Nesse caso, foram identificados efeitos de segunda ordem das variáveis em duas teorias implícitas, o raciocínio essencialista e a história causal das razões.

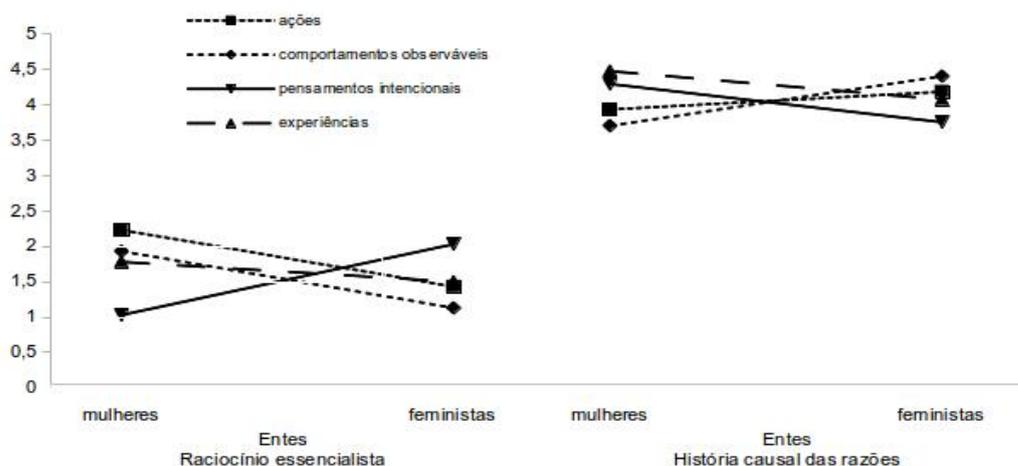


Figura 5 - Gráfico do impacto das categorias mulheres e feministas e do tipo de evento mental sobre as médias para as teorias implícitas essências e história causal das razões.

Conforme se observa no gráfico apresentado na figura 5, de modo geral os valores relativos às explicações baseadas em essências são baixos quando comparados com os relativos à história causal das razões, sendo este efeito independente do tipo de ente ou do evento mental. É importante salientar a identificação de um efeito de interação entre as variáveis entes e eventos ($F_{(3, 109)} = 5,918, p. < .001$) na explicação do raciocínio essencialista. Este efeito evidencia que exceto no caso dos pensamentos intencionais (mulheres = 1,14, feministas = 2,09), a média quando a personagem era definido como mulher foi mais alta

que a apresentada para a categoria entitativa feministas, tanto no caso das ações (mulheres = 2,36, feministas = 1,53), quanto dos comportamentos observáveis (mulheres = 2, feministas = 1,20) e das experiências (mulheres = 1,85, feministas = 1,57).

O resultado indica uma forte associação entre a categoria social entitativa feministas e o tipo de evento pensamentos intencionais, ao mesmo tempo em, que evidencia a força da explicação essencialista se mostra mais intensa para os outros tipos de eventos quando as personagens são caracterizadas como mulheres, uma categoria naturalista. Por que uma militante é caracterizada como intencionalmente orientada, enquanto as mulheres se comportam, agem ou relatam experiências?

A importância da atribuição de essências como fundamento para a formulação das teorias implícitas nos estudos sobre os estereótipos não é desprezível (Yzerbyt & Rocher, 2002). Este entendimento se concatena com a noção de que os estereótipos são estruturas explicativas e, como tais, constituem um elemento indispensável para entender o processo de des-individualização proporcionado pela entitatividade. Outrossim, é possível sugerir que o raciocínio essencialista pode ser usado como mais facilidade nas circunstâncias em que estão sendo avaliados entes menos entitativos, a exemplo das categorias sociais naturalizáveis. No caso de categorias sociais mais entitativa, a exemplo das feministas, a tendência seria a adoção de explicações menos causais, a exemplo de essência e de traços, e o predomínio de explicações centradas no conceito de agência (Abelson, Dasgupta, Park & Banaji, 1998). No plano individual um agenciamento pode ser caracterizado se se supõe que o agente seja dotado de estados mentais próprios que guiam as suas ações, que estas sejam regidas pela intencionalidade e se o agente é propellido por razões próprias, não por determinantes externos. Caso estas características sejam atribuídas a um grupo, ele pode ser considerado como altamente entitativo (O’Laughlin & Malle, 2002), o que parece explicar a forte relação entre os pensamentos intencionais e a categoria entitativa feministas.

Os resultados relativos à história causal das razões também foram influenciados pela interação das variáveis entes e eventos ($F_{(3, 109)} = 2,482$, $p. < .065$), tal como se observa no gráfico apresentado na figura 5. É importante acentuar não apenas que o grau de concordância com este tipo de teoria é bem mais alto do que o observado no caso das essências, como também que apenas para o evento experiências foi encontrado uma tendência semelhante à identificada para o raciocínio essencialista. Para todos os outros tipos de eventos, observou-se uma inversão na resposta nas condições mulheres e feministas. Estes resultados indicam que quando se trata das explicações centradas na história causal das razões, presume-se que a categoria social mulher se encontre mais associada com eventos como as experiências (mulheres = 4,54, feministas = 4,14) e os pensamentos intencionais (mulheres = 4,36, feministas = 3,82), ambos conceitos não-observáveis, enquanto se a personagem for apresentada como militante feminista ela tenderá ser vista como tendo mais comportamentos observáveis (mulheres = 3,77, feministas = 4,47) e ações (mulheres = 4, feministas = 4,25), o que uma vez mais sugere que mesmo no caso da história causal das razões as categorias naturalistas estão associadas com estruturas explicativas imanentes e não observáveis, enquanto as categorias entitativas se associam com explicações vinculadas a estruturas mais superficiais, capturadas pela percepção (Yzerbyt, Rocher & Schadron, 1997).

Em resumo, se os resultados dos efeitos primários não permitiram corroborar de forma inequívoca h2 e h3, a interação entre as variáveis evidencia que o tipo de ente e o

evento mental interagiram para influenciar de forma significativa duas teorias implícitas, o raciocínio essencialista e a história causal das razões. Além disso, alguma outra variável se encontra associada com a intensidade de utilização de algum tipo de explicação em particular? Para avaliar o impacto das variáveis de controle na adesão às teorias implícitas, conduzimos uma série de análises de regressão linear, método *stepwise*, com a finalidade de identificar o relacionamento de cada teoria explicativa com os construtos anteriormente aludidos.

Tabela 2 - Coeficientes de regressão dos preditores (sociodemográficos e construtos psicológicos), por tipo de teoria explicativa.

Teoria explícita	Preditores	Variância explicada	Beta (padronizado)	p
Essências	Intercepto	6,4	3,02	<,001
	Agenciamento grupal		-,347 (-,268)	<,05
Traços psicológicos	Intercepto	5,7	3,48	<,001
	Motivação para controlar o preconceito		-,430 (-,255)	<,05
História causal das razões	Intercepto	17,4	2,83	<,001
	Motivação para controlar o preconceito		,570 (,356)	<,05
	Autoestima		-,249 (-,204)	<,05
Fatores habilitadores	intercepto	3,7	4,37	<,001
	Dominância social		-,275 (-,192)	<,05
Razões e motivos	Intercepto	13,7	1,58	<,05
	Motivação para controlar o preconceito		,611 (,371)	<,001

Para as explicações essencialistas, verificamos que 6,4% da variância é explicada pelo agenciamento grupal ($F(1,110) = 8,54, p. < .004$) e, conforme observado nos valores dos betas e betas padronizados identificado na tabela 2, identificamos que quanto mais o participante considera a importância do agenciamento grupal, menos adota explicações que fazem alusão ao raciocínio essencialista.

No caso das teorias que aludem aos traços psicológicos encontramos que 5,7% da variância foi explicada pela motivação para controlar o preconceito ($F(1, 110) = 7,68, p. < .007$). Esse resultado sugere que quanto menor for a motivação para controlar o preconceito, mais acentuada tende a ser a adoção de teorias explicativas baseadas em traços psicológicos. Este resultado indica que os participantes mais motivados para controlar o preconceito tendem a desconsiderar a importância dos traços psicológicos como fontes de explicação das condutas, o que parece ser consistente com o entendimento de que se os traços são estruturas estáveis e duradouras, pouco se pode fazer para modificá-los.

No que se refere à teoria história causal das razões, estima-se que 17,4% da variância é explicada pela auto-estima e pelo controle do preconceito ($F(2,109) = 11,44, p. < .001$). Ao contrário dos traços psicológicos, observa-se, nesse caso, uma associação positiva entre motivação para controlar o preconceito e as explicações que se fundamentam na história causal das razões. Pode-se afirmar, portanto, que os participantes mais motivados para controlar o preconceito tendem a valorizar o papel das explicações que aludem a conceitos como os de atitudes, crenças e valores, ao mesmo tempo em que se afastam das explicações centradas na estrutura causal traços psicológicos. A adoção das explicações fundamentadas

na história causal das razões depende sobretudo da quantidade de informação disponível, uma vez que nas circunstâncias em que o percebido não dispõe de informações particulares a respeito dos indivíduos que devem ter as suas condutas explicadas ele passa a passar a confiar nas explicações sobre as categorias às quais pertencem os indivíduos (Wittenbrink, Gist, & Hilton, 1997), o que pode explicar o predomínio deste tipo de explicação para a história causal das razões quando comparado com o raciocínio essencialista.

Para a teoria implícita fatores habilitadores, 3,7% da variância é explicada pela dominância social ($F(1,114) = 4,37, p. < .039$). O resultado sugere que quanto mais hierarquizador é o participante, menos ele tende a adotar explicações baseadas nas pressões situacionais. Uma interpretação possível para esta evidência nos aproxima do entendimento de que indivíduos mais igualitários, menos hierarquizadores, tendem a destacar a importância dos diversos agentes encontrados na sociedade, distanciando-se das explicações centradas em noções como a de traços ou disposições estáveis. Estes resultados também são consistentes com evidências de que as explicações baseadas nos fatores situacionais tendem a ser adotadas nas condições que as mudanças nos padrões de condutas se tornam mais salientes (Pereira, Álvaro & Gallo, 2010), quando comparados com as outras fontes de explicação, adotadas prioritariamente para a explicação da estabilidade das condutas.

No caso das teorias que aludem às razões e motivos, 13,7% da variância é explicada pela motivação para controlar o preconceito ($F(1,113) = 18,00, p. < .001$). Os valores sugerem um efeito muito claro, no sentido em que uma maior tendência a controlar o preconceito está positivamente associada com a utilização de explicações baseadas em razões e motivos. Este resultado favorece o entendimento que se alguém se considere responsável pelas próprias ações, tende a assumir a responsabilidade de manter as atitudes preconceituosas sob controle constante. Esta interpretação é consistente com o argumento de Malle (2006) de que as condutas dos grupos ou categorias sociais mais entitativas estão associadas com uma maior frequência nas explicações que aludem às razões e aos motivos.

Ainda que não tenhamos sido capazes de identificar qualquer efeito isolado de cada uma das variáveis requeridas para a construção do cenário de tipo II, análise conduzida com a anova confirmam o entendimento de que as explicações intencionais são mais utilizadas do que as explicações causais. Da mesma forma, a anova fatorial nos permitiu identificar algumas diferenças proporcionadas pelos tipos de entes e pelos eventos mentais, enquanto a regressão linear nos permitiu estimar o impacto das características dos participantes no acolhimento das distintas teorias implícitas.

Experimento 2

Dado que o impacto do *priming* implementado mediante estímulo textual e imagético não permitiu identificar efeitos primários do tipo de ente e do evento mental, conduzimos um segundo estudo, também desenvolvido a partir do cenário II, no qual procuramos avaliar se outra modalidade de *priming*, o estímulo apresentado em vídeo, influenciaria o julgamento de uma categoria entitativa, os homossexuais. A utilização do vídeo justifica-se não apenas por ampliar a validade ecológica, como também porque as diferentes dimensões da categoria alvo podem ser avaliadas de forma mais extensiva do que com a apresentação predominantemente textual, que usualmente acentua apenas uma das dimensões da categoria avaliada (Pereira, Martins, Cupertino & Ferreira, 2002). O *priming* foi um vídeo

(duração de 20 segundos, formato 320 x 240, 24 quadros por segundo) retirado de uma reportagem real, vinculada em um programa de televisão aberta de ampla circulação nacional, sobre a “parada gay” realizada na cidade de São Paulo. O desenho do estudo foi de amostras independentes, seguindo os mesmos princípios de aleatorização adotados no estudo 1. A manipulação experimental se restringiu aos eventos mentais e a distribuição dos participantes por condição encontra-se representada na tabela 3. A página de ativação da condição experimental apresenta uma breve vinheta, onde se caracteriza o ente e ação por eles realizada. Por exemplo, na condição ações, foi apresentado o seguinte texto: um grupo de homossexuais, todos muito parecidos entre si, se reuniu em praça pública para protestar contra manifestações preconceituosas que afirmavam ocorrer na cidade. Nesse experimento, assim como no anteriormente relatado, a homogeneidade percebida foi mantida constante para todas as condições.

Após a ativação da condição, o participante avaliou as diferentes teorias implícitas (variável dependente), bem como os itens referentes às demais escalas.

Participantes

Os dados foram coletados de 10 de maio a 3 de julho de 2012. Um total de 177 pessoas acessaram o link da pesquisa, e destes, 113 efetivamente participaram do estudo. Dos participantes efetivos, 100 informaram o sexo, sendo maioria do sexo feminino (75%). Quase todos os participantes residem em Salvador e região metropolitana. A alocação dos participantes às condições experimentais se encontra na tabela 3. No que se refere ao grau de escolaridade, a grande maioria (83,2%) relatou possuir nível superior incompleto.

Tabela 3 – Frequência de participantes por condição experimental.

Condição experimental	Frequência
Ações	28
Comportamentos observáveis	29
Pensamentos intencionais	32
Experiências	24
Total	113

Resultados

Para avaliar o grau de adesão a cada uma das teorias implícitas e submeter a prova empírica no segundo experimento a h1 adotamos o mesmo procedimento utilizado na análise dos resultados do primeiro estudo. Os resultados foram consistentes com o anterior, uma vez que as médias para as teorias causais essências (média = 2,40; $t_{(112)} = 4,82$, $p < .001$) e traços psicológicos (média = 1,97; $t_{(112)} = 9,34$, $p < .001$) se posicionaram abaixo do valor de teste, enquanto as das teorias implícitas de base intencional história causal das razões (média = 4,47; $t_{(112)} = 17,60$, $p < .001$), dos fatores habilitadores (média = 3,85; $t_{(112)} = 8,78$, $p < .001$) e dos motivos e razões (média = 4,45; $t_{(112)} = 17,61$, $p < .001$) apresentaram resultados significativamente acima do valor de teste.

Este resultado não só é consistente com os resultados do experimento 1, como se

coaduna com o argumentos apresentados por Malle (2006) de que os traços ocupam uma posição menor na estrutura conceitual das explicações sobre a mente e o comportamento ou, pelo menos, respondem por uma parcela não muito significativa das explicações *folk* para as condutas individuais, sendo utilizados especialmente nas circunstâncias em que os percebedores possuem um conhecimento relativamente próximos dos agentes que têm as suas ações explicadas.

Não foram identificados efeitos isolados dos eventos mentais (valores de p entre ,432 e ,888), embora tenha sido encontrado uma diferença estatisticamente significativa para a teoria implícita história causal das razões ($F_{(1, 92)} = 6,166$, $p. < .05$) quando consideramos o sexo do participante. Nesse caso, foi possível notar que participantes do sexo feminino acolheram mais esta teoria implícita (4,61) do que os do sexo masculino (4,17). Foi encontrado também um efeito de interação entre eventos mentais e sexo ($F_{(3, 92)} = 3,113$, $p. < .05$), donde se percebe que na condição em que os pensamentos intencionais são ativados, os homens lançam mão de teorias baseadas na história causal das razões (4,83) em maior grau que as mulheres (4,39). Por outro lado, quando da ativação dos demais eventos mentais, as ações (4,74), os comportamentos observáveis (4,69) e as experiências (4,64), as mulheres utilizam mais esta teoria implícita do que os homens (ações = 3,86, comportamentos observáveis = 3,83, experiências = 4,17).

Também no caso da teoria implícita razões e motivos foi encontrada uma diferença no padrão de resposta de homens e mulheres ($F_{(1,92)} = 6,927$, $p. < .05$), sendo possível identificar que as participantes do sexo feminino, independente da condição, acolheram esta teoria implícita em maior grau (4,61) do que os homens (4,15). Não foram encontradas diferenças significativas entre as condições para as demais teorias implícitas.

Procuramos identificar, uma vez mais, se as variáveis inerentes aos participantes exerceram algum efeito diferencial no acolhimento das teorias implícitas e, para tal, foram conduzidas regressões lineares com a finalidade de verificar a relação entre as teorias implícitas, as variáveis sociodemográficas e os construtos mensurados nas escalas.

Tabela 4 - Coeficientes de regressão dos preditores (sociodemográficos e construtos psicológicos), por tipo de teoria explicativa.

Teoria explícita	Preditores	Variância explicada	Beta (padronizado)	P
Essências	Intercepto	10,8	3,62	<,001
	Agenciamento grupal		-,396 (-,341)	<,001
História causal das razões	Intercepto	4,8	4,16	<,001
	sexo feminino		,440 (.240)	<,05
Razões e motivos	intercepto	11,7	3,37	<,05
	incrementalismo		,250 (.268)	<,05
	sexo feminino		,437 (.242)	<,05

Para as teorias essencialistas, identificamos que 10,8% da variância foi explicada pelo agenciamento grupal ($F_{(1,103)} = 13,546$, $p. < .001$), a mesma tendência encontrada no experimento 1, ou seja, quanto mais se raciocina em termos de essências, maior é a tendência a aceitar a importância dos indivíduos e considerar de forma menos efetiva o papel exercido pelos grupos sociais. Este resultado, junto com o relatado no experimento 1, é

consistente com o encontrado na literatura psicossocial social acerca do essencialismo, em particular aquela que associa este conceito com a dimensão da estabilidade e permanência (Pereira *et al.*, 2010; Rothbart & Taylor, 1992), uma vez que os participantes apresentaram uma tendência a considerar cada vez menos o raciocínio mediante a atribuição de essências às situações nas quais se supõem que os agentes são dotadas de capacidade de agenciar as suas ações e interferir de forma direta no andamento das coisas.

Em relação à história causal das razões, o *priming* de vídeo fez desaparecer a influência da autoestima e da motivação para combater o preconceito, identificando-se exclusivamente o impacto da variável sexo, que explicou 4,8% da variação das respostas ($F_{(2,97)} = 7,564$, $p. < .001$).

Em relação às razões e motivos, também foi possível identificar o efeito da variável sexo, o que uma vez mais sugere diferenças no padrão de respostas de homens e mulheres. Em contraste com o primeiro experimento, no qual o uso de razões e motivos se mostrou associado com a motivação para controlar o preconceito, no experimento 2 o uso desta teoria implícita se mostrou associada com o acolhimento de uma visão de mundo incrementalista. O incrementalismo está associado a uma concepção mutável de ser humano, da possibilidade de crescimento e aperfeiçoamento e com a consequente possibilidade de modificar as características da sociedade (Dweck, Chiu, & Hong, 1995). Estas duas variáveis explicaram 11,7% da variância ($F_{(2,97)} = 7,564$, $p. < .001$), deixando explícito que ser mulher e acolher uma visão de mundo incrementalista contribuem positivamente para a adoção das teorias implícitas fundamentadas no uso de razões e motivos.

Considerações conclusivas

O modelo teórico que adotamos sugere que o entendimento dos estereótipos deve ser elaborado a partir do processo de des-individualização e posterior aplicação de teorias explicativas. Encontramos evidências da importância de diferenciar estas duas dimensões e reconhecemos o papel exercido, por um lado, pela homogeneidade percebida e pela direção comum, e por outro lado, pelas teorias intencionais e pelas teorias causais. Identificamos, posteriormente, que a depender do tipo de ente as relações entre estas quatro variáveis pode sofrer alguma variação e supomos ser capazes de identificar as variações sistemáticas entre as relações do modelo, o que, no nosso entendimento, proporcionaria um melhor entendimento do processo de estereotipização.

O presente estudo procurou ampliar as evidências até então encontradas e, adicionalmente, incluir uma dimensão não presente nos experimentos relatado no artigo anterior. Da mesma forma que acreditamos que os estereótipos não se manifestam em relação a um objeto indiferenciado e não podem ser genericamente considerados, também acreditamos que o contexto psicológico no qual os eventos mentais se manifesta também deve ser considerado para que possamos alcançar um entendimento mais aprofundado do processo de ativação e aplicação dos estereótipos.

Malle (2006), ao discutir o papel desempenhado pelas explicações grupais, antecipa algumas conclusões que nos parecem compatíveis com o entendimento que passamos a ter dos estereótipos. A primeira delas é que as explicações acerca dos estereótipos deve co-variarem de forma sistemática com o tipo de ente social a ser considerado. O fato de não identificarmos de forma precisa estas covariações não significa que elas não existam. A

segunda conclusão se refere ao potencial dos estereótipos em explicar as condutas, em particular o papel que ele exerce ao oferecer estruturas explicativas. Aqui é importante assinalar que embora as explicações causais desempenhem um papel importante no estabelecimento dos vínculos entre os comportamentos dos entes sociais e as ações sociais, outras fontes de explicação de natureza intencional desempenham um importante papel na formação e na manutenção dos estereótipos. Enfim, o papel das explicações essencialistas merece uma maior reflexão, pois ela parece estar sendo superdimensionada. Ainda que seja importante admitir que se os grupos sobre os quais as atitudes negativas são mais prevalentes podem ter as suas condutas mais facilmente explicadas pelo raciocínio essencialista, a aplicação desta modalidade de raciocínio não é tão intensa quanto se possa imaginar e que o estabelecimento de nexos causais entre essências e comportamentos não é exatamente uma tarefa fácil.

Se as tentativas de elaborar ambientes apropriados para a avaliação do impacto diferenciado dos entes na expressão dos estereótipos, conforme constatamos nos dois experimentos relatados em Pereira, Modesto e Matos (2012) foram alcançados, obter evidências para o impacto conjunto de entes e de eventos o foi apenas parcialmente, em particular no experimento 1, onde ficou claro que tanto o raciocínio essencialista quanto a história causal das razões sofreram alguma influência da interação entre os entes e os eventos.

Referências

- Abelson, R. P., Dasgupta, N., Park, J., & Banaji, M. R. (1998). Perceptions of the collective other. *Personality and Social Psychology Review*, 2, 243–250.
- Bhaskar, R. (2009). *Scientific realism and human emancipation*. London e New York: Routledge.
- Brigham, J. (1971). Ethnic stereotypes. *Psychological Bulletin*, 76(1), 15-38.
- Brewer, M., Hong, Y., & Li, Q. (2004). Dynamic entitativity: Perceiving groups as actors. Em V. Yzerbyt, C. Judd & O. Corneille (Orgs.). *The psychology of group perception: perceived variability, entitativity and essentialism* (pp. 25-38). Nova York: Psychology Press.
- Campbell, D. T. (1958). Common fate, similarity, and other indices of the status of aggregates of persons as social entites. *Behavioral Science*, 3, 14-25.
- Dunton, B. C., & Fazio, R. H. (1997). An individual difference measure of motivation to control prejudiced reactions. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 23(3), 316-326.
- Dweck, C., Chiu, C., & Hong, Y. (1995). Implicit theories and their role in judgements and reactions: a world from two perspectives. *Psychological Inquiry*, 6, 267-285.
- Hamilton, D., Stroessner, S., & Driscoll, D. (1994). Social cognition and the study of stereotyping. Em P. Devine, D. Hamilton & M. Ostron. *Advances in experimental social psychology*, T. M. (Eds.). *Social cognition: impact on social psychology* (pp. 291-321). San Diego: Academic Press.
- Jones, E. E., & Davis, K. E. (1965). From acts to dispositions: The attribution process in person perception. Em L. Berkowitz (Ed.). *Advances in experimental social psychology* (Vol. 2, pp. 219-266). New York: Academic.
- Jost, J., & Banaji, M. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33, 1-27
- Katz, D., & Braly, K. (1933). Racial stereotypes in one hundred college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 28, 280-290.
- Malle, B. (1999). How people explain behavior: a new theoretical framework. *Personality and Psychology*

Social Review, 3, 23-48

- Malle, B. (2006). *How the mind explains behavior. Folk explanations, meaning and Social Interactions*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- O'Laughlin, M. J., & Malle, B. F. (2002). How people explain actions performed by groups and individuals. *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 33–48.
- Pereira, M. (2002). *Psicologia Social dos Estereótipos*. São Paulo: EPU.
- Pereira, M. E. (2010). O experimento na psicologia social: sobre a pesquisa experimental em um meio relativista. *Psicologia em pesquisa (UFJF)*, 4, 156 – 164.
- Pereira, M., Martins, A., Cupertino, C., & Ferreira, F. (2002). Imagens e significado e o processamento dos estereótipos. *Estudos de Psicologia*, 7(2), 389-397.
- Pereira, M., Modesto, J., & Matos, M. (2012). Em direção a uma nova definição de estereótipos: teste empírico do modelo num primeiro cenário experimental. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 201-220.
- Pereira, M., Álvaro, J., & Gallo, I. (2010). Essentialism and the Expression of Social Stereotypes: A Comparative Study of Spain, Brasil and England. *The Spanish Journal of Psychology*, 13, 808-817.
- Pratto, F., Sidanius, J., Stalworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 741-763.
- Ross, L. D., Amabile, T. M., & Steinmetz, J. L. (1977). Social roles, social control, and biases in social perception processes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 485–494.
- Rothbart, M., & Taylor, M. (1992). Category labels and social reality: do we view social categories as natural kinds? Em G. Semin & K. Fiedler (Eds.) *Language, interaction and social cognition* (pp. 11-36). London: Sage.
- Sbicigo, J., Bandeira, D., & Dell'Aglio, D. (2010). Escala de autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, 15(3), 395-403.
- Yzerbyt, V., & Rocher, S. (2002). Subjective essentialism and the emergence of stereotypes. Em C. McGarty, V. Yzerbyt & R. Spears (Eds.). *Stereotypes as explanations* (pp. 38-66). Cambridge: Cambridge University Press.
- Yzerbyt, V., Rocher, S., & Schadron, G. (1997). Stereotypes as explanation: a subjective essentialistic view of group perception. Em R. Spears, P. Oakes, N. Ellemers & S. A. Haslam. *The social psychology of stereotyping and group life* (pp.21-50). Oxford: Blackwell.
- Wittenbrink, B., Gist, P. L., & Hilton, J. L. (1997). Structural properties of stereotypic knowledge and their influences on the construal of social situations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72, 526–543.

Apresentação: 20/04/2013

Aprovação: 18/07/2013